

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES

THE INFLUENCE OF TECHNOLOGY IN FAMILY RELATIONS

TATIANA **PIMENTA**. Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ.

FLÁVIO AUGUSTO FERREIRA DE **OLIVEIRA**. Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Professor Mestre do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

Rua Amapá, n.º 582, Bairro Verelena, CEP 86730.000, Astorga-PR. E-mail: 11846.14@uninga.edu.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo verificar de que forma a tecnologia influencia nos relacionamentos familiares e se a mesma contribui para a geração de um individualismo intrafamiliar e, conseqüentemente, social. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, visando ao levantamento de dados bibliográficos e, posteriormente, uma revisão de literatura pela qual se discutem temas como família, tecnologia, individualismo e a relação entre eles. Em princípio, o artigo aborda o processo histórico da família, apontando suas transformações no decorrer do tempo, bem como alguns conceitos principais referentes ao assunto. Além disso, discute a tecnologia em suas conseqüências tanto positivas quanto negativas, contribuindo como mediadora entre o homem e a natureza ou servindo como meio de alienação humana. Finalmente, destaca como as novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) têm influenciado a vida humana e as relações sociais, priorizando mais o diálogo virtual do que o diálogo face a face, possibilitando a geração do individualismo e de problemas nas relações familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Família. Individualismo.

ABSTRACT

This study aims to verify how technology influences family relationships and whether it contributes to the generation of intrafamily and, consequently, social individualism. For this, a research of qualitative nature was carried out, aiming at the collection of bibliographic data and, later, a literature review by which topics such as family, technology, individualism and the relation between them are discussed. In principle, the article addresses the historical process of the family, pointing out their transformations over time, as well as some main concepts related to the subject. In addition, it discusses technology in its consequences both positive and negative, contributing as a mediator between man and nature or serving as a means of human alienation. Finally, it highlights how the new Digital Information and Communication Technologies (TDICs) have influenced human life and social relations, giving priority to virtual dialogue rather than face-to-face dialogue, making it possible to generate individualism and problems in family relationships.

KEYWORDS: Family. Technology. Individualism.

INTRODUÇÃO

Embora seja possível afirmar, de acordo com Osório (2001), que a família tem sido a unidade gregária primordial, podendo homens e mulheres ter se agrupado por questões de sobrevivência – pois além da necessidade de alimentação precisavam se defender de predadores –, é fato que as pessoas sempre pertenceram a um grupo, geralmente formado por parentes, sem quantidades específicas de pessoas em sua composição, como é o caso da família.

Segundo Oliveira (2009), a família pode ser considerada como um sistema complexo, influenciado pelos processos históricos, sociais e culturais e, na medida em que estes processos vão se transformando, a família, por sua vez, também se altera, de modo que essas mudanças dependem do contexto social em que as famílias estão inseridas e das normas culturais a que estão sujeitas.

Seguindo este mesmo pensamento, Lévi-Strauss (1986) afirma que a vida doméstica assume certas formas de acordo com o contexto vivenciado em cada sociedade e em cada época histórica. Portanto, fica claro que a família não é uma instituição natural, mas um agrupamento social gerado por necessidades históricas.

Conforme explica Osório (2001), em menos de um século (o último), a família passou por uma grande transformação em sua história, uma vez que mulheres e crianças tiveram seus direitos reconhecidos. As mulheres passaram a não mais apenas se restringir aos cuidados da casa e da família, e as crianças deixaram de ser somente objetos das expectativas dos pais para exercerem certo protagonismo.

Dessa forma, compreendendo a família dentro desse contexto social em transformação, não se pode deixar de mencionar a influência da tecnologia nesse processo, tendo em vista que o grande avanço tecnológico dos últimos tempos e o acesso cada vez maior das famílias a ela são causas de grandes mudanças nas relações intra e extrafamiliares no último meio século, pelo menos. Como citam Costa et al (2015), o surgimento da televisão, do vídeo, do computador, da internet e dos telefones celulares como bens comuns são inovações responsáveis por interferências diretas na vida das pessoas.

Diante desses aspectos, esta pesquisa justifica-se pelo crescente desenvolvimento da tecnologia, do seu amplo acesso pelas famílias e, paralelamente, pelas transformações que vêm acontecendo nas relações sociais e familiares, impactando em um aumento vertiginoso na velocidade de comunicação e possibilidades de sociabilidade, bem como em estilos de vida cada vez menos coletivos e mais singularizados, gerando consequências negativas para relações humanas, como a exacerbação do individualismo e, nas palavras de Sennett (1998), o declínio do homem público.

FAMÍLIA E TECNOLOGIA

De acordo com Duby (1956, apud ARIÈS, 1986, p.213.) “a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado”, enquanto que para Köhler e Amaral (2010) a família pode ser compreendida de acordo com seus vínculos relacionais. Desta forma, se entende que a família é o grupo ao qual o indivíduo se sente

pertencente por meio dos vínculos que ele estabelece, além de que é uma instituição capaz de levá-lo a se sentir seguro e protegido.

Para os autores, em todos os estágios da vida, o indivíduo passa por conflitos e, perante os mesmos, há a necessidades de adaptações, tanto em relação ao mundo interno quanto frente às exigências do mundo externo. Contudo, o indivíduo conseguirá de forma mais satisfatória superar estes conflitos se apoiado na segurança e nos vínculos afetivos que a família proporciona.

Historicamente, a família se caracteriza por grandes transformações sofridas em função das fortes mudanças socioeconômicas engendradas no decorrer do tempo, além de ser constituída por diferentes arranjos em diferentes épocas. As famílias de épocas passadas, por exemplo, eram diferentes das que temos atualmente. De acordo com Ariès (1986), as famílias da época medieval eram ligadas mais por questões sociais e morais do que propriamente por fatores sentimentais. Os casais tinham seus filhos e estes ficavam juntos de sua família até os sete ou nove anos de idade, depois, eram levados para a casa de outras pessoas para que aprendessem serviços domésticos ou mesmo algum ofício. Desse modo, a criança era considerada aprendiz, muitas vezes, na casa de uma família estranha e, da mesma forma, os casais recebiam crianças estranhas em suas casas.

Para o autor, é somente a partir do século XV que as transformações sociais motivadas pelo Renascimento e pelo surgimento da Idade Moderna levam a uma transformação também em relação à realidade e sentimentos da família. Os pais passam, ainda que de maneira reduzida, se comparada à atualidade, a se preocupar mais com os filhos, a estarem mais próximos deles e a evitar deixá-los sob a tutela de outros. Dessa forma, se conectam cada vez mais pelos sentimentos, o que leva a uma drástica diminuição no número de crianças separadas de suas famílias.

Ariès (1986) ainda destaca que o aumento desse sentimento se estende pelos séculos XVI e XVII, sendo responsável pela criação de zonas de intimidade entre as famílias, algo que anteriormente não existia ou existia muito pouco. Por volta do século XVIII, as famílias passam a ocupar casas pequenas, reduzidas ao número de pais e filhos, fortalecendo assim o vínculo familiar e o sentimento de uns para com os outros. Com isso, o papel dos pais não era mais somente o de dar a vida, o nome e os bens aos filhos, mas o de valorizar as relações e a intimidade familiar, elevando o conceito de família a novos contornos.

Quanto ao século XIX, Sennett (1998) é enfático ao dizer que todas as transformações que ocorreram na sociedade estavam relacionadas às transformações da família. Segundo o autor, a principal mudança estava na passagem da família extensiva para família nuclear. As famílias extensivas tinham, em sua composição, mais de duas gerações, enquanto que a família nuclear se limitava ao casal e aos filhos, tornando esta mais eficiente para a nova sociedade, já que tal composição pensava somente em si, ou seja, voltava-se somente para ela mesma, para um círculo menor de pessoas. Por este motivo, pode se dizer que o individualismo foi incorporado à família nuclear e à sociedade moderna, pois um modelo mais circunscrito privilegiava poucos indivíduos, em detrimento de uma coletividade.

De acordo Goulart e Guimarães (2002), atualmente, devido às grandes mudanças que vêm acontecendo na sociedade, sobretudo a globalização da

economia e o capitalismo neoliberal, a mulher, que outrora cuidava somente das obrigações da casa e da família, agora necessita estar no mundo do trabalho para auxiliar nas despesas da casa e, conseqüentemente, seus filhos precisam ficar aos cuidados de outras pessoas, ou até mesmo da escola, favorecendo assim o afastamento dos filhos do convívio familiar.

Além disso, para Carvalho (2018), as famílias atuais têm características pontuais que as diferem significativamente das famílias, por exemplo, medievais, como a diminuição do número de membros, pois os casais têm cada vez menos filhos, alguns inclusive preferindo uma vida sem crianças, e a participação não somente da mulher, mas de outros membros em sua economia, como a dos filhos adolescentes, gerando certa independência financeira em relação aos demais.

Acrescenta-se a isso algo que vem ocorrendo e influenciando fortemente os relacionamentos familiares na atualidade – o uso de novas tecnologias. Conforme explicam Pedroso e Bonfim (2018), o excesso do uso dessas tecnologias vem trazendo grandes prejuízos para as relações intrafamiliares, dentre eles, o distanciamento entre as pessoas e a falta do diálogo nos espaços de convivência. Os autores sustentam que para se adaptar às transformações da sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere ao sistema capitalista e às novidades do mercado, os indivíduos se veem obrigados a acompanhar as tendências tecnológicas, adquirindo produtos e aparelhos os quais transformam radicalmente suas vidas cotidianas, hábitos e relações.

Entretanto, Costa et al. (2015) asseguram que não é qualquer tipo de tecnologia ou de instrumento tecnológico que influencia diretamente nas relações sociais e familiares na contemporaneidade, mas principalmente o computador, a internet, o tablet e o smartphone, sendo que o termo utilizado para denominar tais recursos é “TDIC”, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, pois as mesmas são consideradas, também, como instrumentos culturais de aprendizagem, e não apenas máquinas, rompendo com barreiras geográficas e permitindo, assim, a interação humana, a comunicação, a socialização, a organização e a mobilização. Tal fato acontece devido à facilidade do acesso a esses instrumentos, favorecendo modificações nas relações sociais.

De acordo com Blanco e Silva (1993), o conceito de tecnologia vem do grego “*technê*”, que significa arte ou ofício, e “*logos*”, que significa estudo. Dessa maneira, toda tecnologia faz referência à utilização de ferramentas, utensílios, instrumentos, aparelhos ou máquinas que, através de suas partes e operações (arte ou ofício), auxiliam ou já auxiliaram na conquista da natureza em favor do saber intelectual humano, ainda que durante muito tempo diversas tecnologias não tenham recebido a importância, o crédito e o devido prestígio social diante de seus feitos.

Segundo os autores, por volta do século XVIII, a tecnologia se afasta do modelo descritivo de ciência para o experimental, através da verificação e comprovação de dados e teorias, ligando saberes teóricos aos práticos (técnicos). Desde então, a partir de princípios calcados em verdades científicas e experiências seguras, a tecnologia estuda, de forma sistemática, como encontrar os meios para se atingir um objetivo final, baseando-se, em geral, em necessidades sociais muito latentes. Ela é considerada a aplicação de conhecimentos científicos na resolução de problemas e, embora o avanço da

tecnologia seja mais marcante no último século, a mesma foi sempre mediadora entre o homem e a natureza, auxiliando nas transformações do modo de vida, com influências significativas sobre as formas de sociabilidade e vida familiar.

Para Costa et al. (2015), a tecnologia contribui de forma decisiva para o desenvolvimento humano, uma vez que atua na zona de desenvolvimento proximal do indivíduo, isto é, nas potencialidades intelectuais humanas, por meio da internalização das habilidades cognitivas solicitadas pelos sistemas correspondentes a cada momento histórico. Nesse sentido, ela não pode prescindir de mediadores, de pessoas aptas para ensinar a melhor maneira de utilizá-las, ou seja, seu modo adequado, consciente e criativo de ação, tendo em vista que, em nossos dias, o nível de desenvolvimento tecnológico é tão avançado que ela própria pode atuar como o agente mediador, a partir de pré-programações, tutorias, videoaulas etc.

É possível perceber, portanto, que a tecnologia tem influenciado o modo de vida das pessoas desde a antiguidade, embora, atualmente, esta mudança seja mais notória. Da pedra polida ao smartphone mais moderno, tal ferramenta é fundamental ao desenvolvimento humano, sendo mediadora entre o homem e a natureza, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, domínio da natureza, ciência e bem-estar pessoal e social. Porém, Costa et al (2015) afirmam que a tecnologia também tem influenciado negativamente as relações sociais, provocando o distanciamento entre as pessoas.

Não por acaso, Siqueira (2018) comenta que a tecnologia é fundamental na sociedade contemporânea, e um dos seus objetivos é aproximar os indivíduos. Todavia, o autor questiona se é isso mesmo o que está ocorrendo, se as pessoas estão realmente sendo socializadas ou se estão cada vez mais individualizadas em função desse recurso. Vejamos!

O INDIVIDUALISMO CONTEMPORÂNEO

Para a compreensão acerca do individualismo é importante o esclarecimento do conceito de relação. Segundo Guareschi (1996, p. 141), a relação é uma “ordenação, um direcionamento intrínseco (necessário) de um ser em direção a outro”, de modo que é necessário que estejam envolvidas, no mínimo, duas pessoas para que ela aconteça. Além disso, relação também envolve comunicação, união e diálogo, o que a configura como uma percepção dialética, que necessita de outros fatores para se produzir a si mesma, sendo que esses fatores também precisam uns dos outros para que haja a relação.

Conforme apontam Marx e Engels (2001, p. 24), “a essência do homem é o conjunto das relações sociais”, o que leva a uma dedução lógica: a de que o homem se constrói e se constitui segundo as relações que estabelece, além de ser mais bem compreendido quando visto sob a ótica das relações.

Segundo Guareschi (2001, p. 142), existe uma variação nas formas de relação que se estabelecem entre as pessoas ou nas relações verificadas entre as pessoas e os bens, sejam eles de consumo ou de produção, nos diversos momentos históricos. Para ele, historicamente, essas relações propiciam “maior ou menor desenvolvimento, mas principalmente maior ou menor bem-estar nas diversas épocas e nos diversos povos”, tendo em vista que a maneira como as pessoas vivem e o modo como as relações sociais se estabelecem são frutos diretos de como se dão as relações de produção na sociedade.

Portanto, as gigantescas transformações econômicas ocorridas na sociedade, principalmente no último meio século, são o motivo dos imensos avanços na produção tecnológica, na indústria da informática e nas telecomunicações, impactando, por conseguinte, as próprias relações sociais.

De acordo com Guareschi (2001), a princípio, as pessoas sobreviviam a partir da apropriação dos produtos da terra, da caça e da pesca. Posteriormente, com a agricultura e com a propriedade privada, descobriram que podiam plantar e colher frutos e, desta forma, para se apropriarem dos produtos da terra, precisavam pagar impostos aos proprietários, passando, assim, a uma relação de subordinação aos senhores das terras. Já com a Revolução Industrial a relação muda, pois, com as máquinas, os donos dos capitais não precisavam mais do empregado, precisavam da mão de obra deles, surgindo assim uma falsa liberdade, pois as pessoas eram “livres” para trabalhar ou não. Isso conduziu a uma relação de dominação, de um lado, pelos donos dos meios de produção e, de outro, a uma situação de exploração, pois os trabalhadores vendiam a única coisa que tinham – a força de trabalho. Como consequência, surge a chamada relação de dominação-exploração, em que a burguesia aparece como classe dominadora e o proletariado como classe explorada.

Guareschi (2001) ainda explica que com o avanço da tecnologia surge, então, uma nova relação, a de competitividade, sendo esta primordial para o progresso e desenvolvimento nos planos econômico, filosófico e social. Todavia, por outro lado, a competitividade exige exclusão, tornando o homem um ser isolado, egoísta e individualizado, com o agravante do processo de culpabilização, isto é, sendo ele o único responsável por seus sucessos e fracassos, aquilo que poderíamos chamar de individualização do ser social, ou seja, um enorme paradoxo.

Seguindo o mesmo raciocínio, Tedesco (2004) afirma que a sociedade estimula às condutas de sucesso e ao prazer a qualquer custo, causando cada vez mais competitividade e individualismo. Com isso, a solidariedade deixa de ser uma opção a ser escolhida e passa a ser substituída pela exclusão, a generosidade pelo egoísmo e a posteridade pelo imediatismo.

Para Pedroso e Bonfim (2018), a ampla utilização da tecnologia na atualidade, especialmente as TDICs, tem trazido grandes prejuízos para a relação entre pais e filhos, que embora presentes fisicamente nas casas e nas famílias, ficam ausentes na vida um do outro, redundando, dessa forma, em uma espécie de individualismo, uma vez que o distanciamento e o diálogo virtual, por exemplo, têm se tornado mais frequentes do que o diálogo face a face. Isso evidencia que a modernidade tem feito o homem se privar cada vez mais do contato com o outro, de modo que a supervalorização da noção de individual faz com que ele se sinta preparado para viver só, se relacionando consigo mesmo em detrimento dos outros.

Frente a esses aspectos, Tedesco (2004) salienta que o viver cada vez mais para si e a desconsideração crescente para com os demais, faz com que o individualismo passe a ser um estilo de vida, resultando em um destaque exagerado à autoexpressão, à liberdade e à expressão da personalidade, levando, por fim, a uma forma de vida ensimesmada, para si, que não necessariamente se encontra em consonância com os anseios da coletividade, algo que já tem se mostrado bastante pernicioso para as relações sociais, como no aumento da violência, da desigualdade social e do adoecimento

psíquico, fruto do individualismo contemporâneo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi a revisão bibliográfica. De acordo com Gil (2008, p.50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ela permite ao pesquisador investigar fenômenos mais amplos, sendo indispensável a qualquer estudo histórico. O autor cita alguns benefícios dessa modalidade de pesquisa:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que ele poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos (GIL, 2008, p. 44).

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, além de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito acerca do assunto em pauta.

Portanto, na presente pesquisa foram consultados artigos científicos em portais de periódicos online como Scielo – Scientific Electronic Library Online –, tendo como norte alguns eixos centrais, como “influência da tecnologia”, “família” e “individualismo”, envolvendo produções correspondentes ao período de 2000 a 2018, resultando em materiais que serviram de base para a revisão de literatura e para a discussão teórica da pesquisa. Além disso, foram consultados jornais, livros, revistas, monografias e dissertações já publicadas sobre o tema.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi exposto, é possível concluir que o que acontece atualmente é muito semelhante ao que acontecia na época medieval, pois, como apontado anteriormente, na Idade Média, os filhos eram levados à casa de outras famílias para aprenderem serviços domésticos ou determinados ofícios. Já atualmente, com a inserção da mulher no mercado de trabalho e, principalmente, pelas exigências impiedosas do mundo do trabalho, com licenças (maternidade e paternidade) extremamente curtas e a necessidade de se trabalhar muitas horas para que se tenha uma renda minimamente digna, os filhos precisam também ficar sob os cuidados de outras pessoas ou de uma escola, de modo que, ainda que por motivos distintos, ambas as situações exigem a diminuição do tempo de educação familiar na vida da criança, suprimindo um espaço de convivência tratado por muitos educadores e especialistas como fundamental ao desenvolvimento infantil, o que nos permite dizer que o que acontece é um retrocesso na história da família.

Além disso, este estudo indica que o individualismo nas relações familiares não é fruto apenas utilização inadequada da tecnologia, pois, de acordo com Ariès (1986), o individualismo surge quando as famílias começam

a se aglomerar em cidades industriais a partir do século XVIII. As casas, que outrora eram pouco divididas, passam a ter mais repartições, o que corresponde a uma necessidade de afastamento das pessoas umas das outras. Porém, para o autor, não foi o individualismo que triunfou, mas sim a família, entretanto, isso só foi possível com a diminuição da sociabilidade entre seus membros.

A exacerbação do individualismo surge, na verdade, das relações capitalistas de produção altamente desiguais, exploratórias, competitivas e culpabilizadoras, as quais se estenderam para a família e se acirraram em função das novas tecnologias que promovem a relação muito mais com máquinas virtuais e pessoas distantes do que com indivíduos concretos e próximos, como os próprios membros da família.

Quanto ao objetivo dessa pesquisa, de verificar de que forma a tecnologia influencia as relações familiares, bem como se a mesma contribui para a geração do individualismo intrafamiliar e, conseqüentemente, social, há elementos para se dizer que a tecnologia tem influenciado, tanto positiva quanto negativamente, as formas de relação entre as pessoas, tendo em vista que se, por um lado, o avanço tecnológico e a facilidade de comunicação à distância são conquistas sociais indiscutíveis, facilitando a vida cotidiana, operações de trabalho, de estudo e oferecendo um universo de entretenimento, por outro, o uso inadequado destas ferramentas tem servido não somente para individualizar as relações e alienar indivíduos de suas próprias famílias, mas para fazer adoecer diversas pessoas, gerando, inclusive, a chamada “dependência tecnológica” ou “tecnodependência”.

Portanto, Kolher e Amaral (2010) chamam a esse individualismo de um individualismo cínico, uma vez que as relações face a face, através do toque, da presença, são substituídas por uma relação virtual. Os autores ainda afirmam que essa ação passiva do homem frente ao mundo virtual o torna cada vez mais ignorante e alienado, pois o afasta de relações e conhecimentos mais aprofundados. Segundo pesquisa realizada pelos mesmos, com diversas famílias, todas possuíam acesso à internet em casa, além de que os pais não controlavam o que os filhos viam, a maioria dos entrevistados tinha mais amigos virtuais do que presenciais e o diálogo entre os membros era pouco ou quase inexistente.

De fato, não se pode negar que a tecnologia contribui para o desenvolvimento humano e que pode ser usada de forma satisfatória inclusive no meio familiar, pois é considerada, também, como um instrumento cultural, podendo fortalecer os laços familiares, aproximar quem está longe e, até mesmo, reduzir muitas formas de solidão. Ela tem sido historicamente utilizada como mediadora entre o homem e a natureza, contribuindo para a produção, a socialização, a comunicação e para o desenvolvimento intelectual. Frente a isso, é necessário que haja consciência e equilíbrio em sua utilização, para que ela não seja motivo de exploração do homem pelo homem, mas sim uma ferramenta fundamental de desenvolvimento social, econômico, cultural e psíquico.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, F. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BLANCO, E.; SILVA, E. Tecnologia educativa em Portugal: conceitos, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação. **Rev Port de Educ**, v.6, n.3, p. 37-55, 1993.

CARVALHO, A. **A família na atualidade**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-familia-na-atualidade.htm>. Acesso em 20 de junho de 2018.

COSTA, S.R.S. et al. Tecnologias digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revi Quadr da Assoc Bras de Psic Esc e Educ**, v. 19, n.3, p.1-8, 2015.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, I.B.; GUIMARÃES, R.N. Cenários contemporâneos do mundo do trabalho: In: GOULART, I.B. **Psicologia organizacional e do trabalho**: teoria, pesquisa e temas correlatos. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GUARESCHI, P. Relações comunitárias, relações de dominação. In: CAMPOS, R.H.F. et al. **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUARESCHI, P. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA.B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KÖHLER, J. F.; AMARAL, E.M.H. A influência da internet nas relações familiares. **Prog de Pós-Grad em Mídeas na Educ**. Universidade Federal de Santa Maria, Cidade Universitária, 2010.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, N.H.D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. Franca, 2009. Tese doutorado - UNESP.

OSÓRIO, L.C.; VALLE, M.E.P. **Manual de terapia familiar**. 2.ed. Florianópolis: Artimed, 2001.

PEDROSO, C.M.S.; BOMFIM, E.L.S. O impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. **Rev dos Disc da Fac Eça de Queirós**, v.6, n.10, p.1-5, 2017.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. 1.ed. São Paulo: Companhia

das letras, 1998.

SIQUEIRA, J.P.S. **O individualismo tecnológico**. Disponível em:
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2017/01/19/interna_politica,684956/joao-paulo-s-de-siqueira-o-individualismo-tecnologico.shtml.
Acesso em 25 de junho de 2018.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.